

ABIROCHAS

Associação
Brasileira da
Indústria de
Rochas
Ornamentais

Informe 21/2008



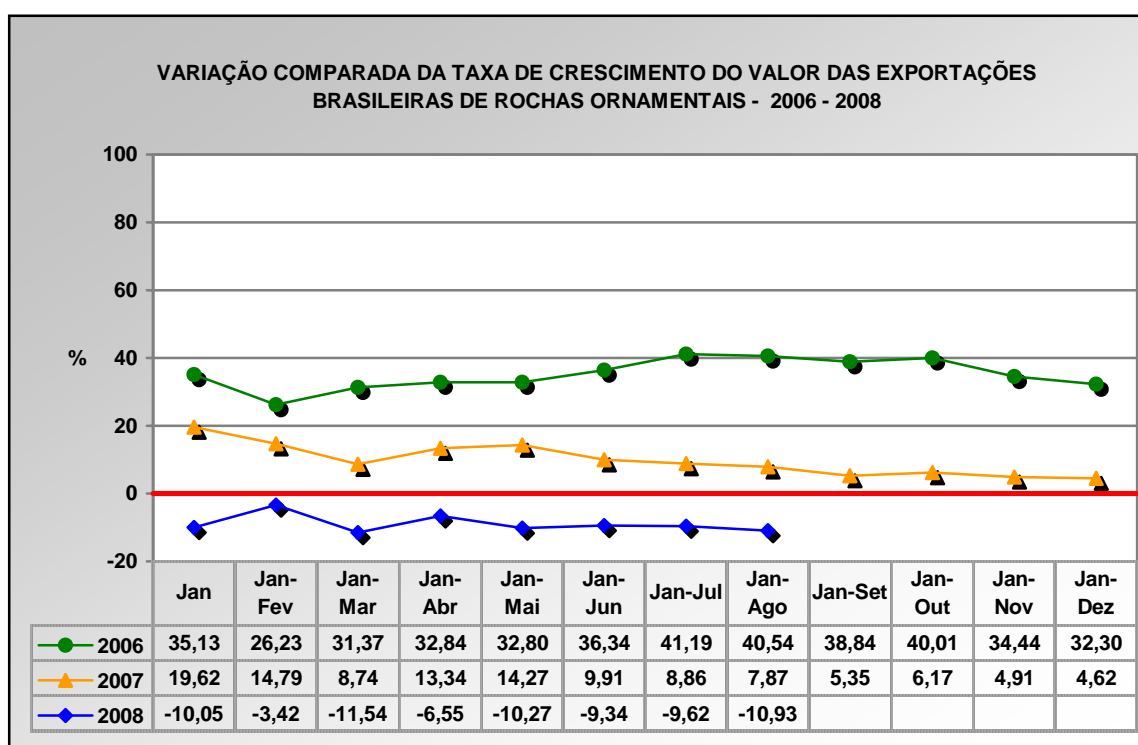
BALANÇO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS E DE REVESTIMENTO NO PERÍODO DE JANEIRO A AGOSTO DE 2008

Associação Brasileira da Indústria de Rochas Ornamentais – ABIROCHAS
Avenida Paulista, 1313 – 8º andar – sala 802 – Bela Vista – São Paulo – SP
Cep 01311-200 – Fone (11) 3253-9250 – Fax (11) 3253-9458
abirochas@abirochas.com.br - www.abirochas.com.br

BALANÇO DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE ROCHAS ORNAMENTAIS NO PERÍODO DE JANEIRO A AGOSTO DE 2008¹

Exportações Brasileiras

As exportações brasileiras de rochas ornamentais, realizadas de janeiro a agosto de 2008, seguem com variação negativa frente ao mesmo período de 2007, totalizando US\$ 654,0 milhões (-10,93%) e 1.362.022,17 t (-21,22%). As rochas processadas representaram 81,67% do faturamento e 54,77% do volume físico dessas exportações.

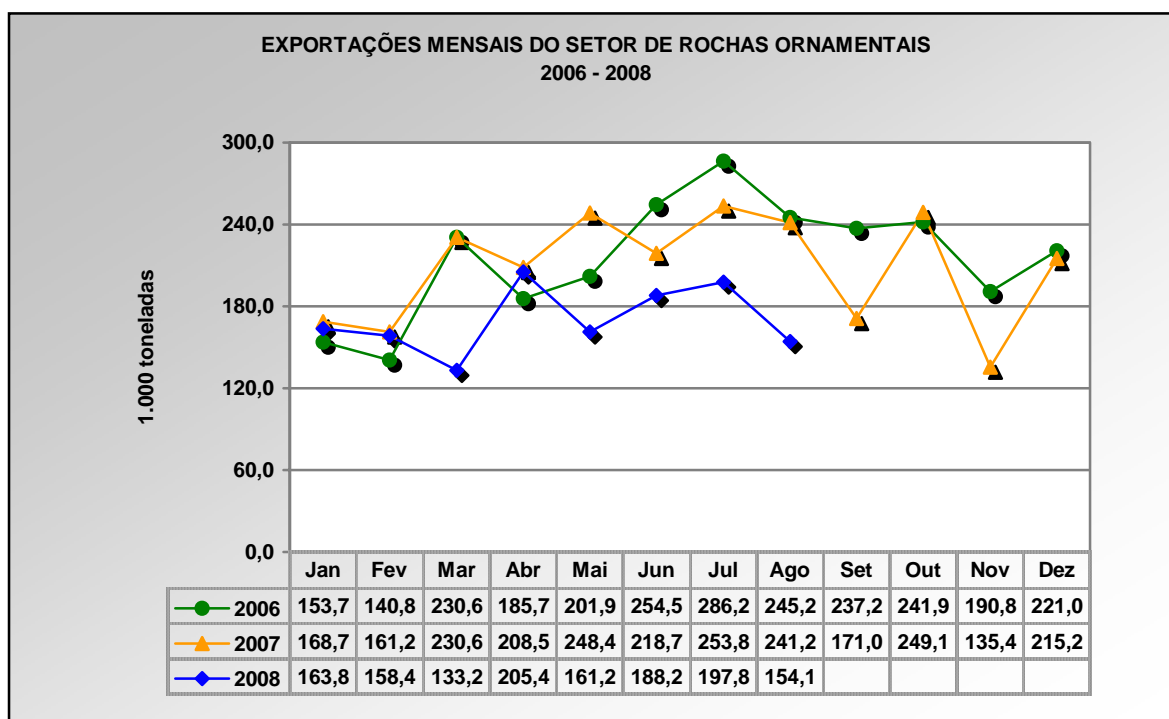


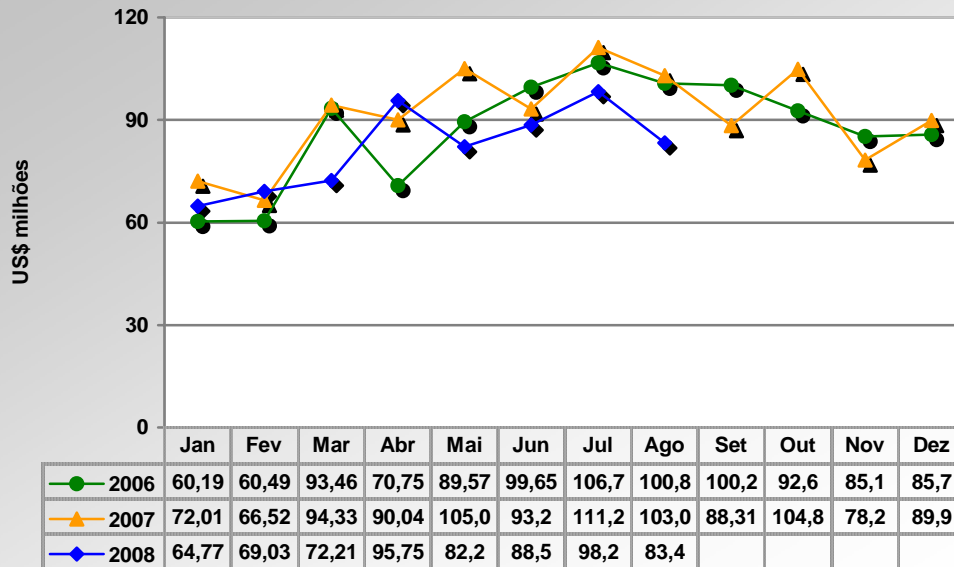
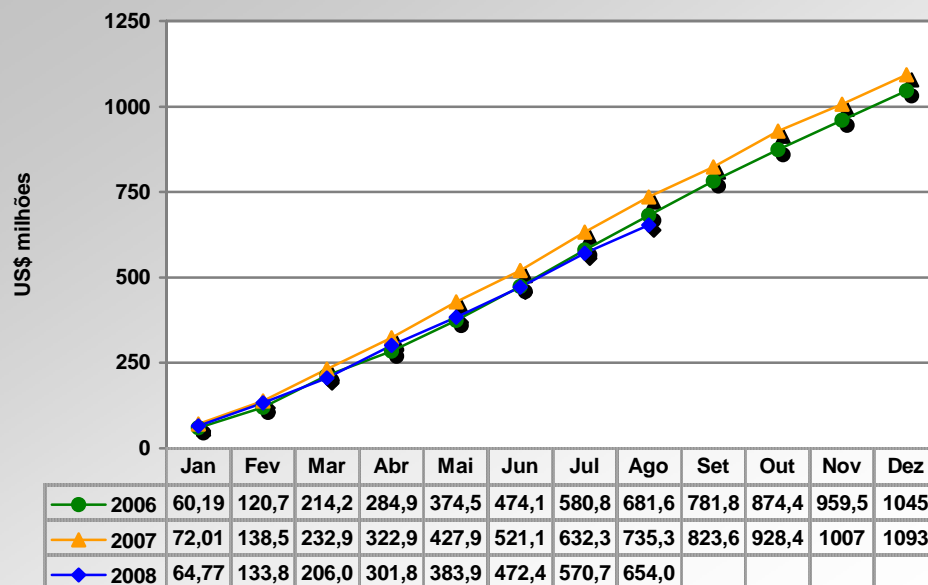
Dos produtos com participação mais expressiva no total exportado, apenas as ardósias mantêm variação positiva frente a 2007, tanto em faturamento (+17,54%) quanto também em volume físico (+1,42%). Entre os produtos de menor expressão, registra-se significativo incremento das exportações pela posição 2506.20.00, que se supõe englobe blocos e chapas brutas de rochas silicosas (quartzitos maciços, cherts, etc.) e pelas posições 6802.21.00 e 6802.91.00, que se supõe englobem chapas beneficiadas de rochas carbonáticas (mármore, etc.).

¹ Este texto foi elaborado pelo geólogo Cid Chiodi Filho – Kistemann & Chiodi Assessoria e Projetos, para a ABIROCHAS – Associação Brasileira das Indústrias de Rochas Ornamentais, em 17 de setembro de 2008, Belo Horizonte – MG. Os dados primários sobre exportações foram obtidos a partir de consulta à Base ALICE do MDIC (www.aliceweb.desenvolvimento.gov.br).

As maiores quedas de exportação foram registradas para os produtos de pedra-sabão e granitos, destacando-se que o recuo nas vendas de chapas polidas destes últimos, pela posição 6802.93.90, responde pelo desempenho até agora ruim das exportações do setor de rochas. A queda do volume físico exportado tem sido percentualmente bem mais elevada que a do faturamento, o que se justifica pela variação positiva do preço médio dos principais produtos.

O volume físico exportado especificamente no mês de agosto somou 154,1 mil t, que geraram US\$ 83,4 milhões de faturamento. Aventa-se que o faturamento mensal das exportações brasileiras de rochas irá decrescer até o final do ano em curso, ainda como resultado da crise do mercado imobiliário dos EUA e já refletindo o impacto das notícias, inverídicas, veiculadas nesse mercado sobre níveis elevados de radioatividade nos granitos brasileiros.



**EXPORTAÇÕES MENSAIS DO SETOR DE ROCHAS ORNAMENTAIS
 2006 - 2008**

**EXPORTAÇÕES ACUMULADAS DO SETOR DE ROCHAS
 EM 2006 - 2008**


Importações

As importações brasileiras de rochas ornamentais, no período considerado, somaram US\$ 34,48 milhões e 59.238,1 t, com variação positiva de respectivamente 44,63% e 24,24% frente ao período de janeiro-agosto/2007. Não estão aí computadas as importações de pedras artificiais, como silestone, marmoglass, corian, etc.

Conclusões

Continuam declinando frente a 2007, em um patamar de queda de 10% no faturamento e 20% no volume físico, as exportações brasileiras de rochas ornamentais. Esse declínio principiou em 2007, como efeito da contínua valorização do Real; continuou se acentuando em 2007 e 2008, pela crise do mercado imobiliário dos EUA; está sendo agora alimentado pela desinformação do consumidor americano sobre a exalação de radônio em granitos; e, deverá ser também "atizado" pela ainda incipiente, mas já evidente, crise financeira internacional.

A crise dos EUA foi a primeira de uma lista que inclui outros países, nos quais canalizou-se um excepcional volume de crédito para habitação. O setor imobiliário transformou-se assim no grande motor das principais economias mundiais e, sobretudo, dos EUA e China.

A facilidade de crédito conduziu à sobrevalorização dos imóveis residenciais, que tiveram seus preços elevados a patamares irrealis e insustentáveis. Iniciou-se em seqüência a progressão das taxas de financiamento, o refluxo de preço dos bens financiados, o aumento da inadimplência dos mutuários e a conseqüente restrição de crédito, que derrubaram as grandes instituições financeiras atuantes com a modalidade de *sub-prime* (empréstimos de alto risco) nos EUA.

Acabou portanto a bonança mundial do setor imobiliário, cuja exuberância recente parece ser resultado de um processo meramente especulativo. Este processo foi inclusive incentivado e praticado entre cidadãos de baixa renda nos EUA, que aproveitaram a valorização de seus imóveis e a irresponsabilidade das instituições de crédito, para assumir novas hipotecas e entrar em uma espiral de endividamento. Esta história é característica dos esquemas de dinheiro fácil, do tipo "pirâmide", que como se sabe nunca têm um final feliz.

O cenário em perspectiva é de desaceleração econômica, em um quadro onde o mercado imobiliário não será mais a principal mola propulsora. Na China prevê-se

crescimento mais moderado do PIB e já se noticia o desaquecimento das vendas e a queda do preço médio dos imóveis residenciais. A situação brasileira é semelhante à chinesa, podendo se esperar, para breve, um enxugamento da oferta de crédito ao setor imobiliário, mas não o atrelamento de uma crise econômica.

É tempo de repensar o setor de rochas. De um período marcado por pressão de demanda e grande liquidez financeira mundial, passamos a uma nova realidade, marcada por pressão de oferta dos fornecedores da construção civil e redução de crédito imobiliário. Os EUA, Reino Unido, Espanha, China, Itália e Japão já estão vivenciando essa nova realidade.

Doravante, a palavra de ordem será produtividade, que como se sabe depende de fatores intrínsecos e extrínsecos às empresas. No Brasil, boa parte dos fatores extrínsecos é ainda desfavorável, gerando muito mais “fogo amigo” do que condições sistêmicas de competitividade e sustentabilidade para o setor de rochas.